**Agricultura nas colônias Alemãs no Vale do Itajaí**

Sarue Brunetto

saruebrunetto@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo visa entender a imigração germânica para o estado de Santa Catarina, especialmente as colônias do Vale do Itajaí. Pretende-se entender como era a agricultura no vale do Itajaí, em colônias alemãs, e quais eram as expectativas dos alemães em relação a Santa Catarina.

Palavras-chaves: imigração germânica, agricultura, Santa Catarina

Abstract: This paper aims to present the German immigration to the state of Santa Catarina, especially the colonies of Vale. The aim is to understand how agriculture was in the Itajai valley in German colonies and what were the expectations of Germans against Santa Catarina.

Key words: German immigration, agriculture, Santa Catarina

Este artigo tem como objetivo compreender a colonização no Vale do Itajaí, levando em conta as expectativas dos alemães anteriormente à chegada em 1850 no vale do Itajaí, através dos escritos de Dr. Blumenau e tentar entender: como esses alemães viviam? O que produziam nas novas terras? Como eram as propriedades? Como foi essa adaptação com o clima e a vegetação nova?

Ao fazermos esses questionamentos, nos deparamos com a colonização e percebemos que a mesma não foi tarefa fácil para homens e mulheres que deixaram sua terra natal para tentar uma nova vida em outro lugar, que não conheciam, outro clima, outras vegetações, outros alimentos.

Ao longo do século XIX existiram vários fatores para que essa migração ocorresse na Europa como a industrialização, a proletarização, o desemprego, crise agrária. Várias famílias estavam passando por dificuldades, como a perda de suas terras.[[1]](#footnote-1)

Em um contexto de perseguições políticas e religiosas, problemas sociais e necessidade muito grande de melhoria de vida fizeram com que esses alemães imigrassem para o Brasil.

Já o Brasil, em princípios do século XIX, logo após a independência, procura se afirmar como nação. Para isso era preciso, entre outras coisas, garantir a posse do seu território. Havia imensas áreas pouco povoadas, e o sul do país não era uma exceção.

Porém não podemos deixar de levar em conta que para o governo brasileiro esta região era pouco povoada, pois eles não levavam em conta os índios e caboclos.

Nessa região, ainda havia o agravante de que em muitas épocas de sua história seu território foi contestado, ou pela Espanha, ou pelos estados que se formaram após os processos de independência nessa parte da América do Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai).

Tinha também o interesse de se criar uma classe média de agricultores baseada no trabalho livre, na policultura e em pequenas propriedades, com isso os Índios e caboclos ficaram fora desses interesses, pelo fato de não poderem retirar as terras das companhias colonizadoras e não pertencerem a etnia ideal para o povoamento do Brasil.

Com esse intuito de entender o que buscavam esses imigrantes no Brasil e mais especificamente em Santa Catarina ao analisar o livro do Dr. Hermann Blumenau "Um Alemão nos Trópicos” no qual discorre sobre a província de Santa Catarina [[2]](#footnote-2), para os alemães. No texto ele diz: “Poderão obter seu sustento e estarão bem empregadas, desde que saibam utilizar adequadamente seus braços nas atividades do cultivo da terra, conciliando assim várias tarefas.” [[3]](#footnote-3)

Para Dr. Blumenau os agricultores seriam a classe mais favorecida com a imigração para Santa Catarina, e com esforço e trabalho, prosperariam.

Ele também discorre sobre quais tarefas a mulheres encontrariam nas colônias como tarefas domésticas, serviços leiteiro, jardim, costura nas horas vagas, para obter um ganho extra, e cuidar da horta.

Através dos seus escritos podemos perceber que as mulheres, tiveram muitos afazeres, cuidar da casa, dos jardins, das hortas, das vacas de leite. O trabalho dessas mulheres sempre foi muito ardo, pois tinham que cuidar da casa e dos serviços da roça, isso permanece até os dias atuais, em diversas regiões do estado e nas diferentes culturas.

Assim, ele divide os agricultores em três categorias: aqueles que não possuem os meios e deverão trabalhar como empregados; aqueles cujos recursos são suficientes para se manter por um tempo, juntamente com a força de seu trabalho e os mais abastados que desejam investir o capital.[[4]](#footnote-4)

Percebemos que o discurso do Dr. Blumenau enfatiza o trabalho e o esforço pessoal como forma de o imigrante prosperar.

Seu texto demonstra que o dinheiro trazido pelos imigrantes ou conquistado com seu trabalho era usado para o pagamento da terra, os custos da viagem e com alimentação, até a primeira colheita.

A aquisição de gado se deu em período superior, pois é preciso preparar o pasto, que muitas vezes pode levar de 7 a 9 meses, pois a maioria das terras era de florestas, e teria que cortar as árvores, queimar o solo, para depois poder plantar o pasto. E os colonos que possuíam pouco dinheiro muitas vezes se restringiam ao plantio de batatas, milho, feijão.[[5]](#footnote-5)

Outro produto que exigia um investimento maior pelos colonos era a cana-de-açúcar, pois era necessária a aquisição de moenda, tachos entre outros utensílios.

A obra sugere que para que o colono pudesse trabalhar por conta própria, como com cana-de-açúcar, seria melhor que os colonos trabalhassem em sociedade, unindo 10 a 15 famílias para o plantio e usando os mesmos utensílios, como uma forma de cooperativa.

As práticas rurais adotadas pelos imigrantes eram demarcadas pelos limites de cada lote colonial. O estabelecimento de colônias de imigrantes no sul do Brasil teve como marca fundamental a sua fragmentação em pequenas propriedades rurais baseadas na policultura de subsistência.

O tamanho médio dos lotes sofreu transformações ao longo do processo de colonização. Em 1824 era concessão de terras até 75 hectares, porém não durou muito tempo. Já em 1850, com a Lei de Terras, passou a ser comprada a terra e o tamanho médio dos lotes foi reduzido para 50 hectares e posteriormente para 25 a 30, o chamado minifúndio.[[6]](#footnote-6)

Na colônia de Blumenau, os lotes eram por volta de 35 hectares. Essas propriedades rurais eram consideradas pequenas. Depois da compra do lote, o próximo passo era a derrubada da mata para construção da residência e depois as plantações.

Como a propriedade era pequena, era necessário planejar, ajustar e demarcar bem o espaço, para que pudesse plantar diversos produtos e criar animais.

Sobre a distribuição espacial dentro da maioria das propriedades, a casa ficava próxima de riachos e da estrada; os ranchos, mais conhecidos como paios, ficavam aos fundos e abrigavam a oficina, um depósito para os utensílios agrícolas e os estábulos.

Ao lado da casa ainda estavam um galinheiro, uma horta, um pomar, um chiqueiro e outras criações domésticas. Mais afastado ficavam as pastagens cercadas para cavalos, bois e vacas, assim como os diversos cultivos, geralmente compostos pelo canavial e as roças de milho, feijão, mandioca, batata e arroz.[[7]](#footnote-7)

Esta distribuição de propriedade permaneceu por muito tempo, e em muitas ainda é dessa forma. É importante ressaltar que esse modelo de propriedade não serviu somente para colônias alemãs, mas para outras colônias como as italianas.

Por possuir um pequeno local para produzir, os colonos nesse período derrubavam a mata, queimavam e capinavam para poder plantar. Porém, como não tinham muitas terras se plantava anos no mesmo lugar e depois se deixava descansar a terra, passava a plantar em outro local da propriedade: esse modo é chamado de rotação da terra. Apesar deste período de descanso, a terra não se recuperava totalmente os seus nutrientes e muito de sua qualidade era perdida.

Por essas razões, muitas vezes os colonos não conseguiam boas colheitas. Essas técnicas de rotação da terra foram aprendidas com os índios e caboclos, usadas em grandes extensões de terra. Outro fator que deve ser levado em conta é que os caboclos e os índios não tinham a mesma preocupação de produzir com excedente, que é uma característica dos colonos.

Nas propriedades rurais dos colonos, em primeiro momento a preocupação foi com uma produção de subsistência, mas com o passar do tempo, começa a produção de excedentes, para venda ou troca, a fim de pagar a propriedade para empresas colonizadoras.

O governo brasileiro, que buscava por meio da imigração não só a ocupação territorial, mas também a formação de uma nova classe que produzisse excedentes e consumisse produtos, passou o controle das terras para empresas de colonização, que lucraram com a negociação e venda das mesmas para esses colonos.

Os colonos alemães,assim como vários europeus de outros territórios, receberam alguns conhecimentos dos indígenas: a rotação de terras, novas plantas cultivadas como milho, mandioca, batata doce, feijão preto, pois na Europa esses alimentos não eram cultivados. A base da alimentação do europeu era o trigo e já nessa região do vale do Rio Itajaí as terras não são muito propícias para este tipo de cultivo.[[8]](#footnote-8)

Com o passar do tempo, as colônias começaram a aperfeiçoar as técnicas de rotação de terras. Cresceu o número de implementos agrícolas e as condições econômicas melhoraram com o aumento da produção agrícola. Também aumentaram a aquisição e utilização de engenhos, moinhos.

Em meados do século XIX, há um crescimento na produção das antigas culturas como milho e feijão, e a introdução de plantas européias como produto comercial.[[9]](#footnote-9)

Como a agricultura, a criação de animais também teve um importante papel na vida rural dos imigrantes, com a comercialização de carnes, laticínios e também como transporte de mercadorias e para arar a terra.

A produção agrícola tornou-se no vale do Itajaí, como em outras colônias de imigrantes europeus estabelecidos no sul do Brasil durante a segunda metade do século XIX, o principal alicerce para o desenvolvimento econômico e industrial destas regiões.

Em 1861, a maior produção da colônia Blumenau era a de milho, ocupando cerca de 96 hectares; em segundo lugar era a cana-de-açúcar com 72 hectares, mas também se produzia mandioca, tubérculos e feijão[[10]](#footnote-10). O cultivo desses produtos estava relacionado com o novo ambiente que passaram a viver e sobre a influência dos indígenas e caboclos nas praticas rurais destes imigrantes.

A produção de milho está relacionada com a criação de animais como de porco, aves, que era expressiva.

Os animais domésticos que as colônias do vale do Itajaí mais criavam eram os bois, vacas, os cavalos, os porcos, as aves domésticas, os carneiros, as cabras e as mulas. Destes, apenas vacas, porcos e aves possuíam alguma importância comercial.

Os cavalos, mulas e os bois destinavam-se exclusivamente ao transporte e tração, que nesse período era muito utilizado na abertura de estradas na região com o intuito de beneficiar o transporte das mercadorias comercializadas pelos colonos. Enquanto cabras e carneiros, existentes em escala reduzida, eram basicamente de consumo doméstico.

Nas colônias também existiam estabelecimentos como engenhos de açúcar, engenhos de farinha de mandioca, alambiques, serrarias e engenhos de moer grãos, porém o maior número de estabelecimentos é o de transformadores de cana-de-açúcar, como os engenhos de açúcar e alambiques, principalmente na colônia de Blumenau.

Assim, podemos perceber que tanto nos escritos do Dr. Blumenau como em outros livros a questão do engenho é colocada como muito importante e lucrativa para as colônias, como Dr. Blumenau cita em seu livro:

“No momento, nenhuma outra cultura é tão rentável quanto a de cana-de-açúcar, pois a aguardente e o açúcar representam dinheiro vivo, enquanto as demais exigem muita mão-de-obra e não se consegue negociar o produto facilmente.”[[11]](#footnote-11)

Outra atividade desenvolvida era apicultura (criação de abelhas). Isso não ocorre no início da colonização, mas em período posterior, quando perceberam que poderiam vender o mel, pois a região não possuía tais criações.

Os alemães passaram por muitas dificuldades de adaptação. Tiveram que buscar novos cultivos para a alimentação, aprendidos com indígenas e caboclos, pois algumas de suas plantas não se adaptavam ao clima ou ao solo brasileiro.

Também temos que considerar o primeiro contato com as terras, pois eles tiveram que abrir as matas para iniciar o cultivo agrícola. Nesse primeiro momento tiveram que se manter com alimentos que trouxeram de seu país, e muitas vezes passaram necessidades até conseguir produzir.

Povos indígenas e caboclos, no entanto, foram os mais prejudicados com a colonização, pois perderam suas terras, e em nenhum momento o governo brasileiro se preocupou com esses povos, como eles iriam sobreviver. Esse contato entre indígenas e europeus não foi algo pacífico, muitos conflitos ocorreram e atualmente ainda ocorrem.

Os indígenas eram considerados intrusos em sua própria terra. Da mesma forma, os colonos que adquiriam seus lotes coloniais eram vistos pelos indígenas como os verdadeiros invasores.

**Como utilizar esse artigo na sala de aula:**

Através desse artigo podemos trazer elementos de como era as propriedades rurais dos alemães no inicio da colonização, o que produziam, como eram sua alimentação, fazer um comparativo da alimentação na Europa e depois nas colônias, como era suas moradias, a agricultura.

Para discutir sobre como eram as propriedades rurais, trazer fotos como essa:



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva que se encontra: SANTOS, Manoel Pereira Teixeira dos. . **Vida e trabalho na floresta**: uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX. Florianópolis: UFSC, 2004. 214 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. p. 109.

E pedir que os alunos tragam algumas fotos de propriedades rurais da atualidade e de períodos anteriores.

Sobre a alimentação, pedir para trazerem sementes, caules e raízes (milho, feijão, mandioca, entre outros), também mostrar alguns utensílios domésticos utilizados no período ou imagens dos mesmos.

Os alunos deveram elaborar um texto sobre o que leram e observaram desse momento histórico, comparando com os dias atuais.

**Referências**

**Fonte**: BLUMENAU, Hermann. *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã.* In:FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) **Um alemão nos Trópicos – Dr.Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil***.* Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999.

KLUG, João. Imigração no Sul do Brasil. In: GRIMBERG, Keila e SALES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial** – volume III – 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 199-231.

SANTOS, Manoel Pereira Teixeira dos. . **Vida e trabalho na floresta**: uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX. Florianópolis: UFSC, 2004. 183 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SANTOS, Manoel Pereira Teixeira dos. “**O IMIGRANTE E A FLORESTA**” Transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí – SC. Florianópolis: UFSC, 2004. 259 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

1. KLUG, João. Imigração no Sul do Brasil. In: GRIMBERG, Keila e SALES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial** – volume III – 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 202 [↑](#footnote-ref-1)
2. BLUMENAU, Hermann. *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã.* In:FERREIRA, Cristina e PETRY, Sueli V. (ORG.) **Um alemão nos Trópicos – Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil***.* Blumenau: Instituto 150 Anos, 1999. p.183-209. [↑](#footnote-ref-2)
3. Ibidem, p. 183. [↑](#footnote-ref-3)
4. Ibidem, p. 191 [↑](#footnote-ref-4)
5. Ibidem, p. 195. [↑](#footnote-ref-5)
6. SANTOS, Manoel Pereira Teixeira dos. . **Vida e trabalho na floresta**: uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX. Florianópolis: UFSC, 2004. 214 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. p. 104- 141. [↑](#footnote-ref-6)
7. Ibidem, p. 109. [↑](#footnote-ref-7)
8. BLUMENAU, Op. Cit. p. 195. [↑](#footnote-ref-8)
9. SANTOS, Op. Cit. p. 114 [↑](#footnote-ref-9)
10. Ibidem, p. 120 [↑](#footnote-ref-10)
11. BLUMENAU,Op. Cit. p. 195 [↑](#footnote-ref-11)